

A REPRESENTAÇÃO DO HOMEM E DA MULHER NO DICIONÁRIO DE USOS DO PORTUGUÊS DO BRASIL

THE REPRESENTATION OF MAN AND WOMAN IN *DICIONÁRIO OF USES OF BRAZILIAN PORTUGUESE*

*Antonio Luciano Pontes **

*Hugo Leonardo Gomes dos Santos ***

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Resumo: O dicionário é uma obra de grande prestígio entre os falantes de uma determinada língua. É possível perceber essa realidade se observarmos a área de confiabilidade de que goza o Aurélio, tomando por base a língua portuguesa falada no Brasil. No entanto, o dicionário deve ser entendido como um texto sócio-historicamente situado e, portanto, envolto em uma complexa rede de sentidos também situados. Levantar questionamentos sobre o discurso lexicográfico e como ele se constitui é papel da Lexicografia Discursiva (ORLANDI, 2000). Neste trabalho, analisamos os verbetes “homem” e “mulher” no *Dicionário de usos do português do Brasil* (BORBA, 2002). As bases teóricas de nossa análise são a Metalexigrafia (PONTES, 2009; WELKER, 2004), a Lexicografia Prática (BORBA, 2003) e a Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2001). Nossas análises revelam um discurso preconceituoso com relação à figura feminina, definida em termos de constituição anatômica e de alguns papéis sociais assumidos pela mulher, e a exaltação da figura masculina, definido igualmente em termos de sua anatomia, papéis sociais e características psicológicas. Esta pesquisa foi desenvolvida no âmbito do grupo de pesquisa LETENS (Lexicografia, Terminologia e Ensino), sob orientação do Prof. Dr. Antonio Luciano Pontes.

Palavras-chave: Dicionário de uso; Discurso; Verbetes; Homem; Mulher.

Abstract: *The dictionary is a work of great prestige among speakers of a particular language. This reality is visible when we observe the aura of reliability enjoyed by Aurelio, in the case of portuguese spoken in Brazil. However, the dictionary should be understood as a socio-historically situated text and therefore wrapped in a complex network of meanings also situated. Raising questions about the lexicographical discourse and its constitution is the role of Discursive Lexicography (ORLANDI, 2000). In this paper, we analyze the entries “man” and “woman” in the Dictionary of uses of Brazilian Portuguese (BORBA, 2002). The theoretical bases of our analysis are the Metalexigraphy (PONTES, 2009; WELKER, 2004), the Practical Lexicography (BORBA, 2003) and the Critical Discourse Analysis (FAIRCLOUGH, 2001). Our analyses reveal a prejudiced discourse about female figure, defined in terms of anatomical constitution and some social roles assumed by women, and the exaltation of the male figure, defined in terms of anatomical constitution, social roles and psychological characteristics. This research was conducted within the research group LETENS (Lexicography, Terminology and Teaching), under the guidance of Prof. Dr. Antonio Luciano Pontes.*

Keywords: *Dictionary of usage; Discourse; Entry; Man; Woman.*

* Professor da Universidade Estadual do Ceará – UECE, Fortaleza, CE, Brasil;
pontes321@hotmail.com

** Mestrando da Universidade Estadual do Ceará – UECE, Fortaleza, CE, Brasil, bolsista CAPES; hugo_pi@hotmail.com

Introdução

Após a II Guerra Mundial, a mulher passa a ter maior visibilidade social assumindo gradativamente grande parte do mercado de trabalho. No período que vai de 1940 a 1990, a participação feminina no mercado passou de 2,8 milhões para 22,8 milhões (MENEZES, 2004). No entanto, o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho não representa sua total equiparação ao homem, principalmente no tocante ao rendimento salarial. Em março de 2008, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apresentou uma comunicação social de um estudo especial sobre as mulheres ligado a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), os dados coletados pelo IBGE revelam um aumento na renda de mulheres chefes de família, casadas com homens mais jovens (IBGE, 2008b). Entretanto, em outra comunicação do mesmo estudo, desta vez ligada ao setor de Pesquisa Mensal de Emprego (PME), o seguinte dado foi apresentado: “Em média, o rendimento das mulheres equivale a 71,3% do recebido pelos homens” (IBGE, 2008a).

A revolução sexual das décadas de 1970 e 1980 provocou uma mudança nos quadros funcionais das empresas e na organização familiar. A dupla jornada de trabalho ainda é uma realidade enfrentada por muitas mulheres no Brasil. Entretanto, a disparidade entre mulheres e homens ainda é perceptível em diversas práticas sociais, como demonstrou a pesquisa do IBGE (2008a) sobre o rendimento salarial da mulher e do homem.

Por outro lado, as práticas sociais que envolvem a mulher e o homem tem gradativamente mudado. Atualmente, é possível encontrarmos homens tomando atitudes antes fortemente relacionadas ao sexo feminino, como cuidar dos afazeres domésticos, dos filhos, dos doentes e dos idosos, frequentar academias, salões de beleza e clínicas para cuidar do corpo e da aparência. Essas modificações nas práticas e nos papéis sociais ligados a ambos os sexos, no entanto, ainda são vistas de maneira preconceituosa.

Já existem alguns estudos e pesquisas sobre a mulher no mercado de trabalho e sobre as mudanças nas práticas ligadas aos gêneros sociais e suas implicações como os de Keller (2006), Lipset (2009) e Zelizer (2009). No entanto, queremos ressaltar que uma forma de percebermos tanto as mudanças quanto os preconceitos que as acompanham é observar como a mulher é representada, e também o homem, nos diversos discursos e gêneros textuais que circulam em uma sociedade, isto é, como as práticas sociais são significadas nas práticas de linguagem. Nesse estudo, nosso objetivo é explicitar os discursos sobre o homem e a mulher no *Dicionário de usos do português do Brasil*¹ (BORBA, 2002). Para tanto, utilizare-

¹ Doravante, DUP.

mos como aportes teóricos as reflexões sobre Metalexigrafia de Borba (2003), Humblé (2008), Krieger (1995), Pontes (2009) e Welker (2004). Também usamos as contribuições de Orlandi (2000) com relação à Lexicografia Discursiva e as reflexões sobre Análise de Discurso Crítica de Fairclough (2001).

O *Dicionário de usos do português do Brasil* (BORBA, 2002) foi elaborado seguindo os pressupostos da Lexicografia moderna e com base em um *corpus* de livros, jornais e revistas de circulação nacional, portanto, uma mostra representativa dos diversos discursos que circulavam (ou circulam) em nossa sociedade. Verificamos a quantidade de entradas para “homem” e para “mulher” no DUP, isto é, além dos verbetes “homem” e “mulher”, observamos as entradas formadas por palavras compostas que apresentavam “homem” ou “mulher” como um de seus constituintes. Deste grupo de vinte e oito entradas, analisamos apenas os verbetes “homem” e “mulher”, ressaltando os seguintes aspectos lexicográficos: a definição e os exemplos de uso.

Este trabalho está organizado da seguinte maneira: na “Fundamentação teórica”, trazemos as reflexões que embasam nosso estudo no campo da Metalexigrafia. Na seção seguinte, “Processos metodológicos”, apresentamos o percurso de nossas análises, desde os questionamentos iniciais e seleção do dicionário, até as análises dos aspectos lexicográficos dos verbetes “homem” e “mulher”. Em seguida, na seção “Resultados e discussões”, apresentamos, primeiramente, o verbe “homem”, seguido dos traços semânticos que podemos ressaltar de suas acepções e de seus exemplos de uso, depois, o verbe “mulher”, seguindo o mesmo modelo da análise do verbe anterior. Por fim, nas “Conclusões”, apresentamos as implicações sociais das relações de gênero encontradas no DUP, que, na verdade, é um reflexo dos discursos que circulam no Brasil do século XX.

Vale ressaltar que este estudo compõe parte de nossa pesquisa de mestrado, sob orientação do Prof. Dr. Antonio Luciano Pontes, desenvolvida no âmbito do LETENS (Grupo de Pesquisa em Lexicografia, Terminologia e Ensino) vinculado ao Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará.

1 Fundamentação teórica

Nosso objetivo principal é explicitar os discursos sobre o homem e a mulher no DUP (BORBA, 2002), isto é, observar como as relações de gênero são significadas nas práticas de linguagem. Krieger (1995) apresentou um estudo semelhante ao que pretendemos fazer aqui. A pesquisadora comparou as definições dos verbetes “mulher” e “homem” em seis dicionários de língua portuguesa publicados entre os

anos de 1899 e 1992, portanto, uma perspectiva histórica das práticas significantes da Lexicografia a respeito da figura feminina. Em Krieger (1995, p. 216-217), encontramos que os significados relativos ao lexema mulher podem ser resumidos a dois aspectos: (1) a descrição do ser, isto é, ser humano do sexo feminino; e (2) a descrição do fazer feminino, ou seja, os papéis sociais que podem ser assumidos pela mulher. Neste segundo ponto a figura da mulher era identificada com três papéis sociais: o de mãe, o de esposa e o de prostituta.

Em nosso trabalho, escolhemos apenas um dicionário, o DUP (BORBA, 2002), no entanto, essa obra foi elaborada com a aplicação de ferramentas de informática numa base de dados de língua portuguesa escrita em prosa, a partir da década de 50 no Brasil. A base era formada por textos de literatura romanesca, dramática, técnica, jornalística e oratória, além de jornais e revistas de circulação nacional da década de 90. Para a seleção das palavras que comporiam o corpo do dicionário, sua nomenclatura, observou-se a frequência de uso das palavras e seus contextos, portanto, o DUP apresenta os discursos correntes na sociedade brasileira no período entre as décadas de 50 e 90.

Partiremos agora para a discussão das teorias e dos conceitos que embasam nossas análises. Inicialmente, discutiremos a relação existente entre cultura e língua, evidenciando a situação dos dicionários enquanto artefatos culturais. Em seguida, abordaremos aspectos da Metalexicografia. Utilizaremos como aportes teóricos as reflexões sobre Metalexicografia de Welker (2004), Humblé (2008) e Pontes (2009).

1.1 O dicionário como artefato cultural: léxico e cultura

Os conceitos de léxico e de cultura, apesar de não possuírem uma definição formal, podem ser aproximados. Quando pensamos em léxico, imediatamente nos vem à mente a seguinte definição: léxico é o conjunto de palavras de uma língua e suas propriedades. É possível perceber, então, que o léxico abrange os diversos níveis da língua, isto é, os aspectos fonológicos, morfológicos e semânticos. No entanto, essa definição desconecta a língua de aspectos essenciais a sua existência: os falantes e suas relações e seu contexto histórico. Mais do que simplesmente o conjunto de palavras de uma língua, com seus componentes e expressões, como geralmente é definido, o léxico

[...] constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico-cultural [...] esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também, as inovações

tecnológicas, transformações sócio-econômicas e políticas ocorridas numa sociedade. (PIRES DE OLIVEIRA; ISQUERDO, 2001, p. 9)

Dessa forma, o léxico abrange não só os aspectos internos ao sistema linguístico, isto é, o sistema fonológico, o morfológico e o semântico, mas existem aspectos ligados às práticas de linguagem no meio social, isto é, os aspectos pragmáticos da linguagem em uso. Existem ainda dois pontos que merecem especial atenção na citação de Pires de Oliveira e Isquerdo (2001). Primeiro, queremos ressaltar que o léxico constitui um sistema aberto, no qual é possível observar as transformações sócio-tecnológicas e políticas de uma comunidade. Segundo, a percepção das autoras da relação entre estruturas lexicais presentes no sistema da língua e as realidades culturais experimentadas por uma comunidade em seu cotidiano e em sua história parecem-nos incompletas. Acreditamos que o léxico de uma comunidade não só deixa transparecer suas características culturais como também contribui para a formação e manutenção das mesmas numa relação dialética. Portanto, os usos que uma comunidade faz da linguagem são representativos de sua cultura, aqui entendida como os valores, crenças e costumes de um grupo sociocultural, bem como sua organização social e política.

Nas relações entre léxico e cultura encontramos um aspecto importante para nosso trabalho: o conceito de discurso. Em consonância com Fairclough (2001, p. 90-91), entendemos discurso como “o uso de linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais”. Portanto, os usos que uma comunidade faz da linguagem são representativos de sua cultura, aqui entendida como os valores, crenças e costumes de um grupo sociocultural, bem como sua organização social e política.

Essas práticas de linguagem são inúmeras e possuem diferentes níveis de interação e complexidade, indo desde uma simples conversa à mesa durante o jantar ou a compra de um carro ou um aparelho eletrônico, à leitura de obras literárias ou à escrita de gêneros acadêmicos. Através das práticas de linguagem, nós nos constituímos enquanto sujeitos e assumimos posições sociais distintas em diferentes contextos interativos. Através da linguagem, informamos aos outros quem somos e de que lugar social estamos falando, ao mesmo tempo em que conceituamos o mundo que nos cerca e posicionamos os nossos interlocutores.

Diante desse quadro teórico, queremos ressaltar a posição privilegiada das obras lexicográficas nesse contexto. É a um dicionário que recorreremos quando queremos compreender o significado de uma palavra em determinado contexto, ou averiguar sua ortografia, ou verificar se existe uma flexão irregular em determinado verbo. Esses usos, apesar de não serem os únicos possíveis, demonstram o *status*

privilegiado dos dicionários em diversas sociedades, configurando-se, dessa forma, como uma autoridade nas questões de linguagem. Ao ponto de dizermos que uma palavra que não está contemplada no corpo de um dicionário como o Aurélio ou o Houaiss não existe.

Os dicionários possuem um aspecto normativo muito forte no que tange aos usos da linguagem. Na origem da palavra *dicionário*, temos os vocábulos latinos “*dictu*” que significa “palavra, expressão” (FERREIRA, 2004, p. 692) e “*-arium*”, “lugar onde se guardam coisas” (FERREIRA, 2004, p. 187), portanto, os dicionários destinavam-se a ser o depósito da língua, chegando algumas dessas obras a serem chamadas de tesouro da língua, *thesaurus*, por abrangerem grande quantidade do universo lexical de uma língua.

Os dicionários, em sua origem, destinavam-se aos estudos de textos clássicos, portanto, seus autores e as pessoas que tinham acesso aos mesmos eram intelectuais e pretendiam abranger todo o universo lexical do latim ou do grego. Por muito tempo, os dicionários restringiam-se a obras bilíngues, inicialmente contemplando apenas as línguas clássicas e posteriormente as línguas modernas, sendo os primeiros dicionários de língua materna ou monolíngues para nativos editados em 1509 (WELKER, 2004, p. 57).

A compilação e organização das palavras da língua, tentando abranger a sua totalidade no caso dos dicionários gerais que, segundo Pontes (2009), contemplam um grande número de palavras-entradas e são orientados a usuários com um bom conhecimento e domínio do idioma, torna o dicionário um artefato cultural, um recorte da cultura de uma comunidade em um determinado período histórico. O dicionário é visto, na maioria das vezes, como um símbolo de autoridade nas questões ligadas a língua, sendo o outro pilar a gramática.

Essa área de confiabilidade de que goza o dicionário é fruto de uma visão ingênua sobre essas obras, pois todo dicionário é fruto da reflexão de um membro de uma comunidade sociolinguística sobre os usos de sua própria língua. Em uma pesquisa sobre a imparcialidade de produtos lexicográficos produzidos com auxílio de ferramentas da informática, Humblé (2002) aponta para a influência do lexicógrafo na análise do *corpus* que embasa a elaboração dos produtos lexicográficos que seguem os preceitos da Lexicografia moderna. Os dicionários, principalmente os chamados dicionários gerais, por possuírem um grande número de palavras repertoriadas, constituem uma amostra do léxico de um grupo. Some-se a isso, a autoridade de que gozam os seus autores, geralmente intelectuais, dotando o dicionário e seu discurso com uma área de lei ou de dogma.

Levantar questionamentos sobre o discurso lexicográfico e como ele se constitui é papel da Lexicografia Discursiva (ORLANDI, 2000). Ainda em contraponto

à visão idealizadora dos dicionários, Pontes (2009, p. 27-29) aponta que o texto lexicográfico tem os seguintes aspectos: Intertextual; Polifônico; Ideológico; Multimodal; e Didático.

Dentre essas características, chamamos atenção para quatro delas: as três primeiras e a última. A intertextualidade é perceptível através da presença de outros textos no interior do dicionário, em especial nos exemplos de uso e abonações constantes nos verbetes. Esses outros textos ou partes de textos são provenientes de diferentes gêneros que circulam na sociedade e representam diferentes seguimentos e práticas sociais. Essa presença de diferentes expressões sociais no interior do dicionário denota o entrecruzamento de diferentes vozes no discurso lexicográfico, o que caracteriza seu caráter polifônico.

No entanto, esse entrecruzamento de vozes provenientes de diferentes lugares/papéis sociais não ocorre aleatoriamente. Como já dissemos anteriormente, o lexicógrafo é uma peça importante na elaboração de uma obra lexicográfica, exercendo grande influência sobre o produto final. Esse lexicógrafo é um membro de um determinado grupo sociocultural em um contexto histórico, exerce uma profissão, tem uma crença política e/ou religiosa, ou seja, está inserido em uma rede de práticas sociais e todos esses fatores influenciam na elaboração de sua obra, resultando na expressão da ideologia do lexicógrafo ou do grupo a que pertence.

O aspecto didático está no caráter explicativo/informativo a que o dicionário presta-se, a saber, uma obra de consulta para auxílio na leitura e na produção de textos. No entanto, mesmo o discurso didático não é isento de direcionamento ideológico, pois a ideologia, segundo Borba (2003, p. 307), “é veiculada na língua em sua função de interação social” e ainda

Quem fala ou escreve pretende sempre colocar [sugerir, propor, impor, inculcar], mesmo que implicitamente, seu modo de ver e sentir o universo, seus pontos de vista e suas convicções, seu sistema de crenças etc. (BORBA, 2003, p. 307)

Por todas essas características, o dicionário, enquanto obra que veicula diferentes vozes orientadas ideologicamente com o intuito de informar a respeito dos usos da língua, é um objeto potencial para uma análise das práticas de linguagem de uma sociedade.

1.2 As estruturas lexicográficas: definição e exemplos de uso

Os dicionários constituem-se de diferentes níveis estruturais. Pontes (2009, p. 66) afirma que o texto lexicográfico é formado por “uma estrutura global, a

megaestrutura, onde se encaixam outras menores”. Essas estruturas menores são a macroestrutura, a microestrutura, a medioestrutura e os textos externos (WELKER, 2004). A macroestrutura é a lista de palavras que compõem o corpo do dicionário e as informações sobre elas, também chamada de nomenclatura. A microestrutura é formada pelas informações sobre a palavra-entrada, sendo geralmente identificada com o verbete. A medioestrutura é o sistema de remissões entre os diferentes níveis estruturais do dicionário. E, por fim, os textos externos correspondem a todos os gêneros e informações externos à nomenclatura.

O foco de nosso trabalho está na significação atribuída às palavras “homem” e “mulher”, portanto, precisamos compreender como o texto lexicográfico organiza-se em nível microestrutural. Esse nível organizacional é caracterizado por responder a pergunta *o que é?*, ou seja, ele apresenta de maneira padronizada as diferentes acepções de uma palavra. A padronização é uma característica muito importante do texto lexicográfico, sem ela, como afirma Welker (2004, p. 108), “a leitura dos verbetes seria muito mais complicada do que já é”. Essa característica aparece na organização das informações da microestrutura que se apresenta de forma similar em todos os verbetes, formando a chamada microestrutura abstrata. A distinção entre microestrutura concreta e abstrata pode ser resumida da seguinte maneira, a primeira é a microestrutura que se vê materializada no verbete, as informações que realmente são registradas para aquela palavra. A segunda é um programa elaborado pelo lexicógrafo das informações que ele acredita serem importantes ao consultante, bem como seus devidos lugares no texto do verbete. Dessa forma, algumas informações podem estar previstas na microestrutura abstrata, mas, por razões como a inexistência de alguma informação, podem não ser realizadas no verbete. As informações ou paradigmas microestruturais mais usuais são os seguintes:

1. Entrada: palavra de acesso às informações lexicográficas, em nosso caso, “homem” e “mulher”;
2. Informação fônica: informação sobre a pronúncia da palavra-entrada e suas variantes fonéticas;
3. Informação gramatical: informação morfossintática da entrada;
4. Marca de uso: informação sobre o contexto de utilização da entrada, podendo ser de ordem geográfica, social ou de área de conhecimento a que a entrada ou a acepção pertence;
5. Definição: enunciado que apresenta os traços semânticos da entrada;
6. Exemplo de uso: enunciado que mostra a palavra em uso;
7. Colocações e fraseologias: construções sintáticas com a palavra-entrada; e

8. Remissões: marcas que estabelecem conexões entre as informações no interior do verbete ou entra o verbete e as outras estruturas lexicográficas.²

Para melhor compreendermos essas informações, apresentamos a seguir o verbete “mulherão” do DUP (BORBA, 2002, p. 1068). Vejamos:

mulherão *Nm* (Coloq) **1** mulher alta e robusta: Tia Clara é um mulherão de pele muito branca (NB) **2** mulher bonita, de corpo bem-feito: *quando [...] vejo certas cenas de cinema, [...] com esses mulherões todos nus se esfregando nos atores [...], sinto uma bruta inveja* (E) **3** mulher sensual; voluptuosa: *Um mulherão na cama* (MPB)

A entrada do verbete está marcada em negrito. Em seguida, em itálico, temos a informação gramatical abreviada, informando que a palavra é um nome (ou substantivo) masculino. A marca de uso aparece entre parênteses. As acepções vêm marcadas pela numeração em negrito. Para cada definição, o verbete apresenta um exemplo em itálico seguido da referência no *corpus* de base do dicionário. Assim é possível perceber bem a diferença entre a microestrutura abstrata, as informações que demos anteriormente, e a concreta, o verbete “mulherão” apresentado acima.

As informações que iremos analisar nos verbetes “homem” e “mulher” são as suas definições e seus exemplos de uso. Por isso, deter-nos-emos um pouco mais sobre essas informações. Com relação à definição, esse paradigma constitui-se de um enunciado, formulado com sintaxe artificial, contendo os traços semânticos da palavra-entrada. Geralmente, a definição apresenta um hiperônimo seguido de traços que diferenciam a entrada de outras palavras que também podem ser caracterizadas pelo hiperônimo. Para facilitar a compreensão, observemos o verbete. Desta forma, a definição de “mulherão”, por exemplo, começa com o hiperônimo “mulher” e depois apresenta os traços que diferenciam a mulher do tipo “mulherão” dos demais tipos de mulher como “mulher-objeto”, “mulher perdida” e “mulher fatal” que aparecem no DUP.

A sintaxe artificial a que nos referimos pode ser percebida pela falta de uma estrutura sintática usual no enunciado definitório, como observamos na primeira acepção do verbete mulherão: “mulher alta e robusta”. Se pensarmos em termos usuais, se algum estrangeiro ouvisse um nativo falando o enunciado que serve de exemplo de uso à definição, o estrangeiro poderia perguntar “o que é um mulherão?”; o nativo poderia responder da seguinte maneira: “mulherão é uma mulher alta e robusta”.

² Tentamos apresentar, resumidamente, os componentes microestruturais, no entanto, existem diferentes abordagens e definições para os termos apresentados. Para um melhor entendimento dessas questões, sugerimos a leitura de Pontes (2009) e Welker (2004).

Essa sintaxe artificial faz com que o enunciado lexicográfico tenha o seu enunciador apagado; a definição, por não possuir um enunciador, adquire *status* de norma.

Os exemplos de uso, como podemos perceber no exemplo acima, trazem a palavra-entrada no interior de um enunciado, evidenciando aspectos sintático-gramaticais (plural e regência, por exemplo) e pragmático-culturais (pistas contextuais para o uso da palavra). Assim, pelo conjunto das características relacionadas até agora, tanto do dicionário quanto dos seus componentes, é possível afirmar que no dicionário “há informações gramaticais, semânticas, pragmáticas, discursivas e socioculturais” (PONTES, 2009, p. 24).

A partir dessas discussões teóricas, queremos explicitar os traços semânticos presentes nos verbetes “homem” e “mulher” do DUP. Queremos discutir como as relações de gênero são expressas nessa obra que foi elaborada com base em textos originais, produzidos e consumidos no Brasil, da segunda metade do século XX.

2 Metodologia

A partir do trabalho de Krieger (1995), que demonstrou como os dicionários do século XIX e início do século XX significavam a figura feminina, questionamo-nos se a prática encontrada pela pesquisadora ainda permanecia em dicionários atuais. Então, selecionamos o DUP, porque essa obra é bastante representativa dos discursos correntes na sociedade brasileira da segunda metade do século XX, como já explicitamos, tendo em vista as características de seu processo de elaboração e da base de dados que lhe é subjacente.

A observação do número de entradas para homem e para mulher é bastante significativa, tendo em vista que as locuções e as colocações, dependendo da frequência de uso, poderiam adquirir o *status* de entrada. Encontramos treze entradas para homem e quinze para mulher. Deste total de vinte e oito entradas, selecionamos, para análise, apenas os verbetes “homem” e “mulher”. No entanto, as outras entradas serão utilizadas para referendar nossas análises, visto que são bastante representativas e contribuem para a constituição da figura masculina e da feminina como veremos. Com relação às análises dos verbetes “homem” e “mulher”, observamos os seguintes aspectos lexicográficos: definições e exemplos. A partir dos traços semânticos que podem ser extraídos dos dois aspectos observados, compusemos a significação do verbete como um todo e ressaltamos as implicações da prática significativa do DUP.

3 Resultados e discussões

Após essas considerações teóricas a respeito da relação entre léxico e cultura, e da posição privilegiada dos dicionários e suas características nesse contexto, partiremos para a análise dos verbetes “homem” e “mulher” do DUP. Como já afirmamos, encontramos um total de vinte e oito verbetes, sendo treze relacionados a homem e quinze, a mulher. Tendo em vista que analisar todos estes verbetes tornaria este um trabalho muito complexo e longo, optamos por analisar mais atentamente os verbetes “homem” e “mulher”, utilizando os demais como informações adicionais.

Inicialmente, gostaríamos de esclarecer quais os componentes microestruturais dos verbetes do DUP. O verbete apresenta a seguinte estrutura geral: Entrada + informação gramatical + definição + exemplos de uso (referências no *corpus*) +/- subentrada + exemplos de uso (referências no *corpus*). Essa estrutura básica, sem muitos paradigmas lexicográficos, como etimologia e datação, permite-nos afirmar que o DUP pretende ser um dicionário de fácil consulta. Assim, deter-nos-emos nas definições e nos exemplos de uso encontrados nos dois verbetes. Agora, partimos para a apresentação do verbete “homem”, seguido de nossas análises. Posteriormente, apresentaremos, da mesma forma, o verbete “mulher”.

homem Nm **1** ser humano em geral; indivíduo da espécie humana: *O pequeno deus que há no homem* (OAQ); *Chegou-se inclusive à data precisa do aparecimento do homem: ele teria nascido há 200.000 anos, de uma mulher muito propriamente chamada de Eva* (SU) **2** ser humano do sexo masculino: *é muito feio, tanto para homem como para mulher!* (FEL); *a mulher pode vencer o homem nos esportes?* (REA) **3** a humanidade: *Por isso, ele que era meio grego, foi para uma ilha grega, escrever em grego a última tragédia do homem* (SPI); *É a cidade dos grandes monumentos criados pelo homem desde o século XI* (CLA) **4** o ser humano como criatura de Deus, com dualidade de corpo e espírito e com as virtudes e fraquezas daí decorrentes; ser mortal: *Senhor meu Jesus Cristo, Deus e homem verdadeiro, Criador e Redentor meu* (OSA); *a primeira expressão de grande amor que se conhece, foi (é) o ato divino, criando o homem e o universo, segundo se lê no Gênesis* (EM) **5** marido ou amante: *morreu um homem meu e ninguém me avisa* (SO); *o meu homem, o falecido Capitão Rodrigo, um dia chegou pra passar a noite na vila e ficou aqui o resto da vida* (TV) **6** pessoa; indivíduo: *não era homem de meio-termo* (VIS); *Zumbi não era homem de voltar pro dono dele, para levar de chicote, ser encanado em cadeia pior que a de hoje ainda* (PM) **7** pessoa de quem se trata especificamente: *muito ao contrário, para nós importa bem mais fornecer ao nosso homem condições de multiplicar o esforço* (DP) **8** o ser humano do sexo masculino em idade adulta; homem feito: *ele já é um homem* (MD); *mas agora, já homem, Valdemar via-os de maneira diferente...* (COT) **9** modo de

interpelar alguém: – *Fale, homem!* – *instou o padre* (ALE); – *Fala, homem, o que está acontecendo?* (ATR) [**Classif: de+nome humano**] **10** aquele que executa com absoluta fidelidade as ordens de alguém: *todos contra o ditador, menos o Salgado, que era homem de Getúlio* (FSP); *você que é o meu homem de confiança desligue-me, e dê energia, força* (VO) _ Adj **11** macho; corajoso: *Vai bancar homem pra cima de mim?* (BA); *Esse padre é muito homem* (GCC) _ **homem com agá maiúsculo** homem de verdade; macho: *pode ser até que ele não seja nem mesmo homem com agá maiúsculo* (RAP) (BORBA, 2002, p. 818)

O verbete apresenta onze acepções (marcadas pela numeração em negrito), cada uma com dois exemplos de uso (marcados em itálico e seguidos pela referência), exceto a sétima que apresenta apenas um exemplo; a entrada apresenta ainda uma subentrada (em negrito e marcada pelo símbolo “_”), por sua vez, também apresenta uma definição e um exemplo de uso. A análise da subentrada será feita separadamente. Analisando as definições para a entrada “homem”, podemos destacar, em ordem de aparição no corpo do verbete, os seguintes traços semânticos:

1. Representação da espécie humana;
2. Ser humano;
3. Sexo masculino;
4. Sinônimo de humanidade;
5. Criatura de Deus;
6. Marido;
7. Amante;
8. Indivíduo indeterminado;
9. Indivíduo específico;
10. Idade adulta;
11. Vocativo;
12. Fiel executor de ordens;
13. Macho; e
14. Corajoso.

Desta forma, é possível observar que a definição da palavra “homem” leva em consideração aspectos da sua fisiologia, como os órgãos genitais, da sua constituição psicológica, como a coragem, e dos papéis sociais que ele pode exercer, como marido. Assim, podemos resumir sua definição aos seguintes aspectos: (1) palavra usada para se referir a toda a espécie humana, a indivíduos quaisquer dessa espécie

ou a um indivíduo específico; (2) ser humano do sexo masculino em idade adulta; (3) vocativo; (4) marido ou amante; e (5) indivíduo corajoso e confiável.

Com relação aos exemplos de uso, o verbete apresenta vinte e um exemplos extraídos, em sua maioria, de obras literárias. As referências datam de 1951³ a 1994⁴. Partindo, agora, para a análise dos exemplos a lista de traços acima recebe alguns acréscimos. Vejamos:

15. Atleta (2.2)⁵;
16. Artista (3.1; 3.2);
17. Fortaleza de caráter (6.1; 6.2);
18. Trabalhador (7)⁶;
19. Político (10.1).

Então, às definições de “homem” são incorporados mais esses traços, dois aspectos psicológicos, os traços 17 e 18, e três referentes aos seus papéis sociais. Outro aspecto que se torna mais perceptível nos exemplos de uso é a influência do discurso religioso na elaboração do verbete. Além da acepção 4, “criatura de Deus [...]”, os exemplos 1.1, 4.1, 4.2, 9.1 e 11.2 fazem referências explícitas a religião e a Deus.

Vale ressaltar, ainda, que a definição de homem é feita a partir de um jogo de oposições que se sobressaem nos exemplos de uso. A primeira oposição é homem X mulher, explicitada na acepção 2 e seus exemplos. A segunda, homem X Deus que, além de aparecer na acepção 4 e em seus exemplos, surge também no exemplo 1.1. A terceira é homem X criança, explícita na acepção 8 e em seus exemplos.

Com relação à subentrada, temos uma lexia complexa formada pela colocação: “homem com agá maiúsculo”. A definição dada a subentrada, “homem de verdade; macho”, aponta para dois aspectos importantes. Primeiramente, a definição é feita por sinonímia, isto é, através de expressões que seriam equivalentes à palavra definida. As duas expressões, “homem de verdade” e “macho”, são ideologicamente marcadas. A primeira denota a possibilidade de existir um indivíduo que seja “homem de mentira”, enquanto a segunda, aponta para a virilidade, a força e a valentia necessárias para ser um “homem de verdade” ou “com agá maiúsculo”. Ao nos

³ Acepção 8, exemplo 2: COT – ANDRADE, C.D. **Contos de aprendiz**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.

⁴ Acepção 4, exemplo 2: EM – Estado de Minas, Belo Horizonte, 1993/94. Diversas edições.

⁵ A numeração entre parênteses indica, respectivamente, a acepção e o exemplo de uso do qual destacamos o traço semântico. Neste caso, acepção 2, exemplo 2.

⁶ A acepção sete apresenta apenas um exemplo de uso.

depararmos com o exemplo de uso, “*pode ser até que ele não seja nem mesmo homem com agá maiúsculo*”⁷, temos a confirmação de nosso comentário anterior ao percebermos a masculinidade de um homem sendo posta em dúvida. Nesse ponto, surge a última oposição que constrói a figura do homem, a saber, a oposição homem X não-homem. A dúvida expressa no exemplo pode ser ocasionada pela falta em um indivíduo de características psicológicas socialmente ligadas à figura do homem ou pela sua orientação sexual. Esse enunciado, ainda que de maneira preconceituosa, faz referência a uma diferenciação contemporânea entre sexo (característica biológica) e sexualidade (característica sociopsicológica).

Até agora, observamos um discurso de exaltação da figura do homem. A seguir, apresentamos o verbete “mulher” e suas respectivas análises.

mulher *Nf* **1** ser humano do sexo feminino: *mantido o limite para a puberdade para o homem aos quatorze anos e para a mulher, aos doze (AE); olhou para o centro do palco, vendo um corpo de mulher tombado no chão (BB)* **2** mulher na idade adulta ou moça que atingiu a puberdade: *Um homem e uma mulher, dentro de uma tenda, no meio do mato? (ANB); minha filha, já estás uma mulher (BN)* **3** esposa: *Acaso ela é minha mulher, minha esposa? (A); marido e mulher discutiam como chamar a menina a nascer (ANA)* **4** parceira sexual do homem: *às vezes pensava até em procurar outra mulher (AFA); conhecer aquela que seria a primeira mulher de sua vida (BB)* (BORBA, 2002, p. 1068)

Primeira diferença que podemos perceber entre os verbetes “homem” e “mulher” é o número de acepções. Enquanto o primeiro apresenta onze acepções, o segundo possui apenas quatro. Dos enunciados definitórios do verbete acima, é possível destacar os seguintes traços semânticos:

1. Ser humano;
2. Sexo feminino;
3. Idade adulta;
4. Entrada na puberdade;
5. Esposa; e
6. Parceira sexual.

⁷ RAP – VIEIRA NETO, G. Os rapazes estão chegando. **Revista de Teatro**, Rio de Janeiro, n. 473, 1990.

Assim, podemos definir o conjunto de traços semânticos de “mulher” da seguinte forma: (1) ser humano do sexo feminino em idade adulta; (2) moça que já teve a primeira menstruação; (3) esposa; e (4) parceira sexual. Portanto, o conceito de mulher está intimamente relacionado aos aspectos biológicos e ao seu papel na estrutura familiar.

Com relação aos exemplos de uso, o verbete apresenta oito enunciados extraídos também em sua maioria de obras literárias. As referências datam de 1950⁸ a 1982⁹. A análise dos exemplos acrescenta à lista de traços semânticos de “mulher” o papel de mãe (3.2).

Algumas oposições observadas no verbete “homem” também são utilizadas no verbete “mulher” para construir esse conceito. A primeira é *mulher X homem* expressa nas acepções 1, 3 e 4 com seus respectivos exemplos de uso. A segunda oposição é *mulher X criança* que aparece na acepção 2. A última oposição surge no enunciado da acepção 4, “parceira sexual do homem”, no qual existe uma restrição ao conceito de mulher. Segundo o enunciado definatório, a mulher só pode ser parceira sexual do homem ou ainda só pode ser considerada mulher o ser do sexo feminino que mantém relações sexuais com um homem, excluindo, assim, do conceito de mulher as lésbicas.

Existem ainda dois aspectos que merecem destaque. O primeiro é a alusão ao ato sexual expressa no exemplo 2.1, “*Um homem e uma mulher, dentro de uma tenda, no meio do mato?*”¹⁰, essa alusão não acontece no verbete “homem”. O segundo aspecto é a posição ativa do homem (e, conseqüentemente, passiva da mulher) expressa no exemplo 4.1, “*às vezes pensava até em procurar outra mulher*”¹¹.

Comparando os traços semânticos de homem e de mulher levantados, encontraremos o privilégio masculino no discurso lexicográfico e uma representação feminina irreal. Apenas o homem é definido com características físicas e psicológicas, sendo todas de caráter positivo, enquanto a mulher é reduzida a aspectos biológicos. Isso nos faz questionar a áurea de confiabilidade das obras lexicográficas, pois elas nos apresentam apenas recortes do mundo feitos a partir de um ponto de vista socialmente situado e que aparece no texto. Apesar de sabermos que a elaboração do DUP é baseada em *corpus* feito a partir de textos de circulação nacional e

⁸ Acepção 1, exemplo 1: AE – LEÃO, A. **Adolescência e sua educação**. São Paulo, C.E.N., v. 52, 1950.

⁹ Acepção 2, exemplo 1: ANB – VERÍSSIMO, L. F. **O analista de Bagé**. Porto Alegre: L&PM, 1982.

¹⁰ Referência na nota anterior.

¹¹ AFA – SABINO, F. **A faca de dois gumes**. Rio de Janeiro: Record, 1985.

de diferentes gêneros discursivos, ao significar o homem e a mulher dessa maneira, a obra contribui para a manutenção de um discurso preconceituoso.

Krieger (1995) encontrou, em suas análises, que a mulher era definida como o ser do sexo feminino, com suas características biológicas, que pode ocupar o papel social de esposa, de mãe ou de prostituta. Em nossas análises, a figura da prostituta desapareceu do verbete “mulher”, no entanto, encontramos quatro entradas, das quinze entradas levantadas com a palavra mulher, que apresentam a definição “prostituta”¹²; enquanto apenas uma acepção do verbete “homenzinho” tem caráter pejorativo. Outro ponto que carece de comentários é a relação entre mulher e sensualidade expressa em outras entradas relacionadas a “mulher”¹³. O último aspecto que acreditamos ser importante destacar é a ausência da representação de uma mulher ativa, que trabalha e é dona de seu destino.

Conclusão

O objetivo deste trabalho era explicitar a representação do homem e da mulher no DUP, isto é, como o homem e a mulher são discursivamente construídos em um dicionário elaborado a partir de textos de língua portuguesa em prosa no Brasil da segunda metade do século XX. Como foi possível perceber, a mulher continua sendo definida como nos dicionários analisados por Krieger (1995), isto é, a mulher é a esposa e a mãe. Essas representações não condizem com a atual situação da mulher em nossa sociedade. Talvez essas definições bastassem nos dicionários do século passado, mas não bastam hoje. Não se trata, porém, de “culpar” um dicionário ou o(s) seu(s) autor(es), já que o dicionário é, na verdade, um retrato da forma como uma sociedade, através da linguagem, significa suas experiências culturais no mundo.

A revolução sexual das décadas de 1970 e 1980 provocou uma mudança nos quadros funcionais das empresas e na organização familiar. A dupla jornada de trabalho ainda é uma realidade enfrentada por muitas mulheres no Brasil. Entretanto, a disparidade entre mulheres e homens ainda é perceptível em diversas práticas sociais, como demonstrou a pesquisa do IBGE (2008a) sobre o rendimento salarial da mulher e do homem.

A mulher conquista cada vez mais espaços na sociedade atual. No mercado de trabalho, por exemplo, podemos observar mulheres gerenciando empresas ou

¹² Os verbetes cuja definição é prostituta são os seguintes: “mulher-dama”, “mulher da rua”, “mulher da vida” e “mulher perdida” (BORBA, 2002, p. 1068).

¹³ Os verbetes que expressam essa relação são os seguintes: “mulheraça”, “mulherão”, “mulher fatal” e “mulher perdida” (BORBA, 2002, p. 1068).

como executivas, trabalhando em estaleiros, servindo o exército, ou seja, ocupando cargos e exercendo funções antes exclusivas (e até simbólicas) dos homens. Da mesma forma, podemos observar homens tomando atitudes antes restritas ao sexo feminino, como cuidar dos filhos e dos afazeres domésticos, frequentando academias e salões de beleza para cuidar do corpo e da aparência.

As modificações nas práticas e nos papéis sociais ligados a ambos os sexos, no entanto, ainda são vistas de maneira preconceituosa. E esses preconceitos são expressos através da linguagem, na maioria das vezes. Uma forma de perceber essas mudanças e também os preconceitos que as acompanham é observar como o homem e a mulher são representados nas diversas práticas de linguagem em uma sociedade, dentre elas, a prática significativa do dicionário.

Acreditamos que trabalhos como o de Keller (2006), Krieger (1995), Lipset (2009) e Zelizer (2009) são importantes para a percepção das relações de gênero em diferentes âmbitos e áreas do conhecimento. No que tange às práticas de linguagem, a relação entre essas práticas e as práticas sociais necessitam de maiores estudos. Como foi possível perceber, a mulher continua sendo definida como nos dicionários analisados por Krieger (1995), isto é, a mulher é a esposa e a mãe. Essas representações não condizem com a atual situação da mulher em nossa sociedade. Talvez essas definições bastassem nos dicionários do século passado, mas não bastam hoje.

Referências

- BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.
- _____. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. MAGALHÃES, Izabel (Trad.). Brasília: Editora da UnB, 2001.
- HUMBLÉ, Philippe. A influência do lexicógrafo no corpus. *Fragmentos* (Florianópolis), Florianópolis, v. 18, p. 7-15, 2002.
- _____. O discurso do dicionário. In: COULTHARD, Carmen Rosa Caldas; CABRAL, Leonor Scliar (Org.). *Desvendando discursos: conceitos básicos*. Santa Catarina: Editora da UFSC, 2008. p. 318-344.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Estudo especial sobre as mulheres – PME: Mulheres com nível superior recebem 60% do rendimento dos homens*, Rio de Janeiro, 7 mar. 2008a. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_imprensa.php?id_noticia=1099>. Acesso em: maio 2010.

_____. *Estudo especial sobre as mulheres – PNAD: Crescem uniões entre mulheres mais velhas com homens mais jovens*, Rio de Janeiro, 7 mar. 2008b. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_imprensa.php?id_noticia=1098>. Acesso em: maio 2010.

KELLER, Evelyn Fox. Qual o impacto do feminismo na ciência?. *Cadernos Pagu*, n. 27, p. 13-34, 2006.

KRIEGER, Maria da Graça. Da prática significativa lexicográfica. *Organon*, Porto Alegre, v. 9, n. 23, p. 211-220, 1995.

LIPSET, David. O que faz o homem? Relendo Naven e The Gender of the Gift. *Cadernos Pagu*, n. 33, p. 57-81, 2009.

MENEZES, Eduardo Frigoletto de. A participação da mulher no mercado de trabalho. *Frigoletto.com.br: a geografia em primeiro lugar*. 2004. Disponível em: <<http://www.frigoletto.com.br/GeoPop/mulher.htm>>. Acesso em: maio 2010.

ORLANDI, Eni. Lexicografia Discursiva. *Alfa*, São Paulo, n. 44, p. 97-114, 2000.

PIRES DE OLIVEIRA, Ana Maria Pinto; ISQUERDO, Aparecida Negri. Apresentação. In: _____; _____ (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001, p. 9-11.

PONTES, Antonio Luciano. *Dicionário para uso escolar: o que é, como se lê*. Fortaleza: EdUECE, 2009.

WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários: uma pequena introdução a lexicografia*. Brasília: The-saurus, 2004.

ZELIZER, Viviana. Dinheiro, poder e sexo. *Cadernos Pagu*, n. 32, p. 135-157, 2009.

*Recebido: 21/08/2014.
Aprovado: 29/11/2014.*